

Mediação de leitura como instrumento do letramento literário em sala de aula

Carlos Eduardo Ferreira da Cruz

Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE)
Docente do Curso de Letras Português-Inglês do Instituto Federal do Ceará (IFCE)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1314-3169>
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5563330565875768>
E-mail: carlos.cruz@ifce.edu.br

Meire Celedonio da Silva

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC)
Docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Ceará (IFCE)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5340-8892>
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9374703523442818>
E-mail: meire.celedonio@ifce.edu.br

Resumo

O ensino de literatura nas escolas do ensino básico ainda é um desafio a ser enfrentado pelo professorado no Brasil. Mesmo com avanços no que diz respeito ao trabalho com o texto literário em sala de aula (Cosson, 2006, 2021; Macedo, 2021), o ensino tem se pautado ora no puro deleite, ora na explicação dos estilos de época. Na busca de pensar formas alternativas as quais primam pela abordagem literária em sala de aula, este ensaio tem como objetivo discutir como a mediação de leitura e o letramento literário são processos que se complementam na busca da construção de sentido do texto (Paulino; Cosson, 2009) e da sala de aula como acontecimento literário (Durão, 2022). Palavras-chave: Leitura. Mediação. Letramento literário.

Data de submissão: 28/06/2024 | Data de aprovação: 10/09/2024

1 Introdução

Os desafios do ensino da leitura, sobretudo literária, em nosso país são variados e complexos. A queixa bastante comum dos adolescentes que cursam o ensino médio de que o trabalho com a leitura na escola é ultrapassado e destituído de prazer tem preocupado não somente a comunidade escolar e a sociedade. Os resultados dos testes de larga escala como o do PISA, por exemplo, geralmente servem de munição para grandes corporações midiáticas, ONGs ligadas ao empresariado e governos fortemente influenciados pela lógica neoliberal enfatizarem o nada alentador quadro da leitura ainda no país.

No que diz respeito ao trabalho com literatura em sala de aula, a situação é ainda é grave. Zilberman (2009) destaca que a escola tem realizado um trabalho mecanizado, como acontece com outras práticas, a exemplo da escrita, do ato de ler, prejudicando, por conseguinte, a formação de leitores envolvidos no processo da constituição dos sentidos do texto literário. Na mesma esteira, Lajolo (2011) tem constatado que o docente, muitas vezes visto como o detentor do saber literário, vem construindo um trabalho mais alinhado à obrigação do que a descoberta que o texto proporciona aos estudantes.

Pesquisas têm mostrado o impacto positivo da mediação da leitura no trabalho com o texto literário em sala de aula. Silva e Arena (2012), além de debater o papel da formação de leitores desde os primeiros anos, destacam a relevância do mediador de leitura e da escola na construção de alunos-leitores. Araújo (2020), por sua vez, discute como o professor mediador é importante na efetiva escolarização da literatura, apontando alguns cuidados que a escola deve operar na execução de práticas pedagógicas com os textos literários. Já Fidelis e Barrios (2024) mostram como a prática interventiva da mediação de leitura enriquece a experiência leitora dos alunos do ensino fundamental, possibilitando a formação de leitores críticos e autônomos.

Considerando que a sala de aula é um dos espaços mais propícios ao exame do texto literário (Durão, 2022), como o docente pode mediar a leitura com vista à construção do letramento literário de seus alunos? Embora nos últimos anos tenha ganhado notoriedade nas pesquisas acadêmicas, a mediação de leitura carece de mais explicação, sobretudo para aqueles que agora estão adentrando no universo desse conhecimento. Como vimos, a mediação de leitura literária constitui-se como uma ferramenta essencial no processo de formação de alunos leitores; portanto, urge compreendê-la e realizá-la em sala de aula de modo a proporcionar prazer à leitura bem como a examinar, com profundidade, o texto.

O letramento literário não pode ser visto apenas como uma forma rígida e engessada de se trabalhar um texto literário obedecendo um passo a passo inflexível; a mediação de leitura realizada pelo professor entra em jogo justamente para mostrar como esse processo pode ser realizado de modo a promover a experiência da literatura (Paulino; Cosson, 2009). Nesse sentido, argumentamos que a mediação literária é um instrumento fundamental para o docente auxiliar os estudantes a lerem e interpretarem os textos literários com profundidade, indo além do mero consumo do enredo e a produção de um resumo da história.

É por meio dessa relação dialógica e complementar entre mediação de leitura e letramento literário que podemos encontrar uma das respostas para o enfrentamento das inúmeras dificuldades que os docentes encontram em sua prática pedagógica com os textos literários das mais diversas tradições, perspectivas e abordagens. Ensinar a ler e a interpretar é, pois, uma ação que se faz em conjunto, porque aprender é aprender "com". No que tange ao escopo da literatura, ler implica desacelerar, reler, repetir com o desejo de mergulhar na rede de significados suscitados pela (i)materialidade textual.

A fim de alcançarmos nosso propósito neste ensaio, organizamo-lo em quatro seções, a saber: a) introdução, na qual apresentamos nosso propósito argumentativo; b) fundamentação teórica, em que discutimos os conceitos de mediação de leitura e letramento literário; c) orientações ao trabalho de mediação de leitura em sala, nas quais indicamos possíveis caminhos de se realizar um trabalho de mediação em sala; por fim, d) conclusão, em que reforçamos nosso argumento de que a mediação de leitura literária é uma prática fundamental na sala de aula.

2 Fundamentação teórica

Compreender os fundamentos da mediação de leitura e do letramento faz-se necessário para quem deseja realizar um trabalho significativo com o texto literário em sala de aula. Desse modo, trilhar os passos dos conceitos possibilita enxergar de que modo trabalhar o texto de forma situada.

2.1 Mediação de leitura

Assumimos neste trabalho a concepção vigotskiana de mediação. Tal ideia valoriza o papel que a linguagem desempenha no desenvolvimento humano, na esteira do interacionismo social. Vigotski (1998) sublinha o valor da mediação e do signo como um instrumento fundador desse desenvolvimento, pois “é somente na relação entre sujeito-conhecimento-sujeito que a mediação se torna um conceito fundamental ao desenvolvimento humano.” (Sforni, 2008, p. 2).

Um conceito relevante, em se tratando de mediação, é o de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Acompanhando o raciocínio de Vigotski (1998), na ZDP, em um contexto escolar, o professor¹ assume um papel importante ao intervir para levar os estudantes a internalizar instrumentos (entre eles os languageiros) para ampliar as capacidades de linguagem para ler e escrever de maneira sistematizada, possibilitando o acesso dos estudantes a espectros mais amplos.

A mediação nos preceitos vigotiskianos dialoga com a perspectiva de educação dialógica como proposta por Paulo Freire (1983). Essa noção coloca em destaque o papel do docente-mediador situado no contexto da sala de aula, em que dialoga com os alunos para aprenderem de forma conjunta, ou seja, “sem saber, de antemão, o que resultaria disso, mas inventando o conhecimento durante a aula, junto com os estudantes.” (Freire, 1983, p. 105). Nessa medida, os modelos engessados e replicados não têm espaço na perspectiva de uma educação dialógica.

Nesse contexto, importa refletir sobre o texto literário e o manuseio dele pelo professor juntamente com os estudantes. Se pensarmos em uma analogia com o exemplo do uso da colher relatado por Leontiev, é “o guiar a mão” do estudante que o professor precisa realizar. Dessa forma, o contexto escolar pode propiciar, desde a educação infantil, as evidências de todas as questões relacionadas à leitura como um instrumento de ação social.

Sobre esta questão, Bronckart (2018, p. 99) destaca que o texto literário apresenta situações cujos “motivos das ações são esclarecidos ou, ao menos, discutidos, problematizados, e que é entrando dentro dessa produção literária que o ser humano desenvolve solidariamente, sua socialização e sua personalidade.” Na continuidade deste pensamento, o espaço escolar é

¹ É importante pontuar que, no contexto escolar, não apenas o professor exerce essa função de mediador. Esse papel pode ser tomado também pelos estudantes. Um trabalho interessante desenvolvido em contexto de educação formal foi com os estudantes de EMI do IFRN com cursistas do Programa Mulheres Mil (Silva, et al, 2020).

propício para o desenvolvimento de práticas de mediação de leitura, não apenas pela pessoa do professor, mas também pelos estudantes em um processo contínuo de mediação e transformação das práticas de leitura, assim como dos estudantes na formação de um pensamento crítico.

Esse pensamento remonta a Paulo Freire (1983) quando defende uma educação dialógica. Essa noção soma-se ao que atrás tem sido defendido a partir da noção de linguagem enquanto interação e que é nela e por ela que a socialização proposta é possível (Bronckart, 2018). A leitura literária, na perspectiva de mediação assumida por nós, deixa esse caráter romantizado que, muitas vezes, é imputado ao processo complexo que envolve a leitura. Nesse sentido

“[...] ler não é só caminhar sobre as palavras, e também não é voar sobre as palavras. Ler é reescrever o que estamos lendo. É descobrir a conexão entre o texto e o contexto do texto, e também como vincular o texto/contexto com o meu contexto, o contexto do leitor” (Freire, 1983, p.20). (grifo nosso)

Podemos pensar em uma mediação que valorize uma leitura situada no contexto da escola. Uma mediação situada tem uma relação intrínseca com aspectos da vivência dos estudantes e por fim na promoção de uma educação dialógica. É a convocação dos vários contextos, de produção e de recepção, - aqui com maior ênfase neste último, que coloca-se, em interface, as leituras que emergem nos processos de mediação.²

2.2 Letramento literário

A noção de letramento, no contexto brasileiro, surge na década de 80 do século passado, sobretudo nas investidas acadêmico-científicas na área da educação e da linguística, com nomes como Magda Soares e Mary Kato, respectivamente. Há uma gama de propostas que tratam dos adjetivos que têm acompanhado a palavra letramento em diferentes áreas do conhecimento, desde áreas disciplinares alinhadas à educação formal a áreas menos escolarizadas. Se pensarmos que toda e qualquer ação humana é, de alguma forma, mediada pela linguagem, não é difícil inferir a importância que a linguagem assume nas diferentes atividades sociais, pois esses conhecimentos disciplinares estarão de alguma maneira relacionados aos usos que se faz da língua.

Soares (2020) diferencia letramento e alfabetização³. Enquanto esta é o processo de aquisição da tecnologia da escrita; aquele é a capacidade de uso da escrita para inserir-se em práticas sociais. No contexto educacional brasileiro, ainda temos desafios que já deveriam ter sido resolvidos, pois a educação formal está ainda muito arraigada aos processos de

² Defendemos que no contexto da sala de aula a mediação não é um processo unívoco, mas um processo em redes, pois a participação e a interação dos estudantes também podem se constituir em diálogos e mediações.

³ No Brasil, pesquisas sociais, como as realizadas pelo IBGE no censo, ainda verificam o número de alfabetizados ou não, enquanto em outras nações, eles perscrutam o nível de letramento (Soares, 2003).

alfabetização - ou seja em fazer os estudantes dominarem a tecnologia - e pouca preocupada com os usos que fazemos da linguagem nas práticas sociais, o que implica uma noção de usos da leitura e da escrita de maneira engessada.

No que diz respeito ao letramento literário, Paulino e Cosson (2009, p. 67) definem como "o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos". Desse modo, os autores chamam a atenção, no caminho do que se entende por letramentos em outras esferas, para a relação que pode se estabelecer com a linguagem. Um aspecto central no conceito de letramento é a relação que se estabelece com o uso da linguagem em diferentes níveis e situações de interação, o que não cabe pensar em uso mais ou menos letrados (no sentido de mais ou menos alfabetizado), mas de manuseio, dentro de um espaço próprio de uma linguagem que significa para determinados objetivos.

De posse dessa perspectiva de letramento literário, convocamos ainda três aspectos que Cosson destaca desse conceito: o processo que, para nós, é intrínseco ao conceito de qualquer letramento. Visto desse modo, e numa perspectiva da aprendizagem em espiral (Vigotski, 1998), esse aspecto traz contribuições para refletir em torno de atividades pedagógicas que possam contemplar uma possibilidade para a leitura. Em relação ao termo apropriação, Cosson (2006, p. 25) afirma haver uma acepção de um movimento que possibilita a internalização da linguagem literária. Esta por sua vez implica "um modo muito singular de construir sentidos". Dessa forma, é um conceito que traz contribuições importantes para a formação de leitores literários em uma perspectiva mais crítica e que convoca um processo complexo em relação à leitura.

Para pensar esse processo complexo, é oportuno convocar a perspectiva de Jouve (2002), que, ancorando-se na abordagem de Gilles Thérien, entende a leitura como uma atividade complexa, plural e pode estar centrada em diferentes direções. Segundo o autor, a leitura comporta cinco processos: neurofisiológico, cognitivo, afetivo, argumentativo e simbólico. Todos estes processos são importantes, mas os dois últimos apresentam pontos de interesse específico para este trabalho, pois o processo argumentativo aponta para a intenção ilocutória (fazer agir sobre o outro), e o simbólico para, no que diz respeito ao cronotopo dos textos literários (Bakhtin, 2018), uma leitura situada em uma dada cultura.

Diante desses dois aspectos, o letramento literário, de acordo com as formas de mediação que pode ser feito, é um processo que pode permitir o desenvolvimento de uma leitura crítica, sem deixar de contemplar os aspectos estéticos do texto literário. Ademais, alinhando-se ao desenvolvimento de capacidades de linguagem para produção e recepção de textos próprios da esfera literária, promove espaços de leitura e mediação, o que pode possibilitar o letramento literário em uma perspectiva mais ampla, profunda e complexa.

Na esteira do conceito de letramento literário, Cosson (2019) chama atenção para o que está em volta dele no que diz respeito ao trabalho realizado em sala de aula. O autor defende um trabalho integrado entre as práticas de leitura e escrita que busquem valorizar a

especificidade da linguagem literária. É o discurso literário que o estudante precisa dominar no qual intervêm os fatores historiográficos, teóricos e críticos (Cosson, 2019, 2016).

Esse desafio intensifica-se pela ausência de um trabalho integrado de leitura e produção no que diz respeito ao letramento literário e o que, por conseguinte, Cosson chama de discurso literário. Esse ponto tem relação com a forma como os trabalhos de pesquisa em diferentes programas de pós-graduação estão voltados apenas para a leitura que, muitas vezes, não chegam a desenvolver essas questões de modo mais amplo com o texto literário. As práticas na sala de aula em geral estão ancoradas no que propõe os livros didáticos, trazendo uma perspectiva da literatura baseada em fatores historiográficos sobretudo.

Diante disso, é necessário pensar e refletir sobre como o professor pode desenvolver determinadas ações em busca de formar leitores no sentido daquele que manuseia a linguagem. Portanto, o texto literário não pode ser desvinculado da atividade de linguagem e com a linguagem. É dele que podemos partir para aprender a usar os recursos da língua em uma investida na internalização (Vigotski, 1998) dos recursos linguísticos que, ao ser apropriado pelas pessoas, desencadeia a constituição no aparelho psíquico, a língua interna (Bronckart, 2017).

Segundo Bronckart, o ensino de literatura proporciona "*uma formação linguística*, de uma demonstração das múltiplas possibilidades, de fato infinitas, de estruturação e de reestruturação dos recursos da língua a serviço da comunidade comunicativa" (Bronckart, 2017, pp 99-100) (grifo do autor). De "posse" desses recursos, há, pois, a formação de um pensamento voltado para usar a língua em diferentes contextos, fazendo avançar na formação de alunos-leitores.

Dada ainda o papel que a literatura desempenha no debate sobre diferentes temáticas, ainda encontramos - em um viés do aspecto argumentativo e simbólico, em um diálogo entre o saber praxiológico e o gnosiológico - um terreno fértil para um trabalho integrado de leitura. A presença do texto literário na escola, Bronckart (2017, p. 110) propõe um trabalho em uma área específica, a Didática da literatura, no qual o ensino tem por objeto "os critérios de literalidade; argumentos de ordem histórica, sociológica, psicológica, filosófica e linguística, que são, sem dúvida, todos contestáveis, mas que são, ao mesmo tempo, todos intrinsecamente legítimos."

3 Caminhos de mediação de leitura literária

A relação complementar entre mediação de leitura e letramento literário é peça chave para a formação de leitores dentro e fora da sala de aula. É comum lembrarmos - positiva ou negativamente - daquele professor que marcou nossa relação com os livros, as narrativas, as poesias etc. A forma como a mediação acontece não é apenas relevante, mas deve ser considerada crucial para a interpretação dos textos. Desse modo, a mediação de leitura tem a possibilidade de encantar, envolver e conquistar o leitor.

Pensando nesse aspecto, Cosson (2006) propõe maneiras de se trabalhar o texto literário em sala de aula a partir de sequências que oportunizem o contato efetivo com o texto literário. Ao analisarmos a sequência básica (Cosson, 2006), percebemos que inúmeras estratégias de leitura são exploradas de modo a introduzir o leitor no texto que será lido. Em outras palavras, podemos dizer que as estratégias de leitura se constituem em um dispositivo eficaz para ajudar os estudantes a não somente a entrarem no universo ficcional, mas também a explorá-lo de maneira a perscrutar os sentidos do texto literário.

Levando em conta que a mediação de leitura é resultado da triangulação entre livro, mediador e leitor, compreendemos que o mediador deve apresentar algumas características básicas para realizar essa atividade tão relevante no letramento literário. Como afirmam Paulino e Cosson (2009), os estudantes não devem ser preparados tão somente para o manejo com o texto na escola, mas também fora; ou seja, os alunos-leitores devem ser formados para uma vida em que a literatura é parte constitutiva dela, e não apenas um acessório na trajetória escolar.

Dito isso, pensamos em alguns aspectos que podem ajudar na mediação do texto literário em sala de aula. Nosso propósito não é construir uma gramática engessada da mediação leitora, mas, com base em nossa experiência e na de outros colegas e pesquisadores, auxiliar mediadoras e mediadores em processo de formação especialmente.

3.1 Sobre a mediação de leitura em sala de aula

Entendemos que o mediador de leitura deve ter duas características básicas: comunicar-se de forma afetiva e escutar atentamente. Tendo em vista que a palavra é a mediadora por excelência de diferentes mundos, a interlocução do mediador precisa ser pautada em uma comunicação afetiva de modo a construir pontes entre o texto e o leitor.

A comunicação afetiva é aquela em que o diálogo é acompanhado necessariamente pela escuta. Não há como uma existir sem a outra. Assim como a música não faz sentido sem o silêncio entre as notas, a palavra do mediador deve ser regada pela escuta concentrada e aberta para fazer a palavra circular entre os estudantes, motivando-os a mergulharem no texto e investigarem os sentidos a partir da interação mediador-texto-leitor.

A escuta, como destaca Dunker (2020, p. 123), exige esforço, pois ela é “uma forma de cultivo, quase uma arte. Mas uma arte que não deixa obras visíveis e monumentos, mas tão somente efeitos e palavras. Escutar é como polir palavras...”. Nesse sentido, saber escutar no processo de mediação não significa ficar calada, mas saber juntar as palavras e os silêncios construídas na interação que o texto literário proporciona.

Ao promover a mediação de leitura considerando esses dois elementos, o professor possibilita o encontro afetivo com a literatura, valorizando-a, ao lado do aluno, como eixo estruturante dessa tríade. Ao estabelecer a ponte entre texto e leitor, o professor que medeia

auxilia os estudantes a elaborarem os sentidos do texto, aponta possíveis leituras construídas em sala dentre outras ações.

Uma dúvida que acompanha com frequência quem faz mediação é sobre a diferença entre a contação de história e a mediação de leitura. Enquanto esta volta-se para estreitar e aprofundar a relação entre texto e leitor por meio do diálogo e da escuta atenta; aquela volta-se para a recriação da história por meio de recursos sonoros, visuais etc.

Para que a mediação aconteça de forma adequada, sugerimos ao professor que leia e releia de forma aprofundada, pois isso é crucial para o trabalho com o texto literário. A partir dessas (re)leituras, ele pode elaborar um roteiro para guiar a discussão da obra, deixando a mediação consistente. Importante lembrar que o roteiro não deve ser visto como uma camisa de força, mas apenas como uma bússola a orientar o exercício de leitura. Antes da mediação em si, é necessário a criação de um ambiente acolhedor que proporcione a liberdade e a segurança de livre expressão da palavra.

Dito isso, o roteiro pode ser construído da seguinte forma: passo 1: abertura, momento em que o mediador inicia lendo algum texto que tenha relação com a obra a ser discutida, pode ser um poema, uma imagem etc.; passo 2: nesse momento, o mediador abre espaço para os estudantes expressarem suas opiniões e impressões acerca do texto, alinhavando as falas de modo a permitir a circulação da palavra sem que nenhum dos estudantes monopolize-a; passo 3: durante as falas, ele pode elaborar perguntas, ler trechos da obra de modo a trazer temas, personagens, situações que ampliem o debate e avancem em outros aspectos do texto; passo 4: fechamento, o mediador pode sintetizar algumas das ideias discutidas, mas tendo a clareza de que a finalidade da discussão não era todos chegarem ao mesmo a um único sentido. Como argumentam Durand e Gerbovic⁴, a obra é o “centro radiador” do processo de mediação de leitura.

Essas práticas fortalecem o letramento literário dos estudantes e devem ser empregados pelos professores em sala. No entanto, é preciso destacar a diferença para perceber suas riquezas e potencialidades. Como o alvo de quem faz mediação é possibilitar a leitura e a escuta atenta, entendemos que um dos grandes benefícios da mediação é o fato da proximidade entre texto-mediador-leitor, favorecendo um mergulho nas teias de significação que emergem do texto literário a fim de interpretá-lo.

Como nos diz Durão (2022, p. 34), a partir do contato com o texto, é possível a construção do “gesto interpretativo”; portanto, não há como isso ocorrer sem antes os alunos terem lido o texto. Pode ser que uma mediação aconteça sem a leitura prévia, porém a mediação de leitura se aprofunda ainda mais à medida que todos os estudantes leem e se envolvem com a leitura.

Na escola, a mediação potencializa o trabalho analítico com o texto por realizar o mergulho no texto de modo lento, demorado, compassado. Se fora da escola a leitura ganha o

⁴ Disponível em: <https://escrevedeira.com.br/cursos/5-abordagens-para-fortalecer-clubes-de-leitura>

ritmo conforme a vida do leitor, na escola o professor guia a leitura, mas sem ter a absoluta certeza de antemão qual caminho percorrer, pois é na leitura do texto literário que acontece "a graça da aula é não ter certeza exatamente onde se vai chegar." (Durão, 2022, p. 33). É o que Durão (2022) argumenta ao sustentar o trabalho com o texto literário como um acontecimento em sala de aula.

Esse acontecimento surge toda vez que a mediação de leitura mergulha na travessia do ato de ler, gerando no leitor e no mediador não somente o encantamento, mas a reflexão crítica sobre a obra, pois ela é pensada para além do desfecho da narrativa. De acordo com Durão (2022, p. 16), a leitura crítica

funciona mesmo quando a obra já é conhecida, pois o que está em jogo não é um segredo ou mistério, mas a relação entre o todo e as partes, sentido e totalidade - de fato, trata-se do contrário do *spoiler*, como se o suspense fosse um entrave, pois só depois de saber o final é que podemos a ler.

Desse modo, realizando uma mediação de leitura pautada na sala de aula como acontecimento do texto literário, voltada para a educação dialógica e a partir da leitura situada, temos um impacto significativo na formação e ampliação do letramento literário dos estudantes, uma vez que a mediação de leitura torna-se uma prática fundamental na prática de leitura e interpretação nas aulas de língua portuguesa. Conjugando continuidade e frequência dessa ação em sala de aula, certamente o letramento literário é fortalecido e maximizado em práticas diversas.

4 Conclusão

Neste breve ensaio, propomo-nos a compreender e a mostrar como a mediação de leitura é uma prática fundamental para a promoção do letramento literário dos estudantes. Para isso, problematizamos o ensino de literatura na escola contemporânea, trouxemos estudos e pesquisas que indicam a relevância da mediação de leitura na escola e tivemos como objetivo relacionar mediação de leitura e letramento literário como pilares para a formação de alunos-leitores de literatura.

Argumentamos que a mediação de leitura em sala de aula favorece o trabalho com a leitura e a interpretação textual, visto que dois aspectos são acionados para essa atividade: o encantamento pela leitura literária e o ato interpretativo. Nada está dado ou previsto no texto, é a partir do processo de mediação de leitura, em que se usa o diálogo e a escuta atenta, que os sentidos dos textos são ativados.

Nesse sentido, reforçamos a ideia de que a mediação do professor em sala de aula é essencial para que os estudantes aprendam a entrar nos textos, a dialogar com diversas referências, a pensar para além do enredo, mas, sobretudo, a desenvolver nos estudantes uma

postura interpretativa do texto. Essas práticas no cotidiano escolar visam, portanto, à formação e ao fortalecimento do letramento literário.

Referências

ARAÚJO, V. A. O professor mediador de leitura no ensino Fundamental e médio: uma influente atuação para promover o letramento literário na escola. **Mosaico**, SJ, Rio Preto, v. 19, n. 1, p. 141-157. Disponível em: <http://200.145.201.15/index.php/revistamosaico/article/view/776> Acesso em: 01 fev. 2024.

BRONCKART, J-P. Reflexões para um desdobramento da didática das línguas. In: LOUSADA, Eliane Gouvêa; BUENO, Luiza; GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos (org.). **As unidades semióticas em ação**: estudos linguísticos e didáticos na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo. Campinas SP: Mercado de Letras, 2017, p. 91-110.

COSSON, Rildo. Letramento literário. In: **Glossário Ceale**: termos de Letramento literário. Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2016, s/p. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/apresentacao>. Acesso em: 22 maio 2024.

COSSON, R. Método com teoria: proletras e o letramento literário. In: Leandra Inês Seganfredo Santos, Ruberval Franco Maciel. **Formação e prática docente**: em língua portuguesa e literatura. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

DA SILVA, G. F.; ARENA, D. B.. O pequeno leitor e o processo de mediação de leitura literária. **Álabe 6**. Disponível em: <https://repositorio.ual.es/bitstream/handle/10835/5219/105-674-3-PB.pdf?sequence=1> Acesso em: 23 mar. de 2024.

DUNKER, C. **Paixão da ignorância**: a escuta entre a psicanálise e educação. São Paulo: Contracorrente, 2020.

DURÃO, F. A. **Ensinando literatura**: a sala de aula como acontecimento. São Paulo: Parábola, 2022.

FIDELIS, T. M.; BARRIOS, M. E. M. A Transformação do Perfil Leitor no Ensino Fundamental: Efeitos da Mediação de Leitura Literária. **Humanidades & Tecnologia (FINOM)**, vol. 48 – abril/jun. 2024. Disponível em: <file:///Users/cefcruz12/Downloads/5424-15999-1-PB.pdf> Acesso em: 10 abril de 2024.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

JOUBE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: UNIESP, 2002.

SILVA, M. C. da; ALVES, M. V. dos S.; COSTA, D. P.; MARTINS, M. E. A.; COSTA, D. D. P. Mediação de leitura no curso mulheres mil: diálogos necessários. **Revista Extensão & Sociedade**, [S. l.], v. 11, n. 1, 2020. DOI: 10.21680/2178-6054.2020v11n1ID20411. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/article/view/20411>. Acesso em: 18 jun. 2024.

SFORNI, M. S. F. Aprendizagem e Desenvolvimento: o papel da mediação. In: Vera Lúcia Fialho Capellini; Rosa Maria Manzoni. (Org.). **Políticas públicas, práticas pedagógicas e ensino-aprendizagem**: diferentes olhares sobre o processo educacional. Bauru-UNESP/FC/SP: Cultura Acadêmica, 2008.

SOARES, M. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

